

Projeto 29

Projeto de Pesquisa e Extensão Coletivo AFRO(en)CENA

Cód/Nome	29 - Projeto de Pesquisa e Extensão Coletivo AFRO(en)CENA
Orientador	Tássio Ferreira Santana
Campus	Jorge Amado
Área	Atividades acadêmicas (ensino/pesquisa/extensão) - ÊNFASE NA EXTENSÃO.
Vagas	2
	tassio.ferreira@cja.ufsb.edu.br

Resumo

Exercitar uma formação afrodiaspórica, multirreferencial, com vistas a se debruçar sobre a cena negra contemporânea, considerando o Candomblé Congo-Angola e a Cultura Bantu como inspiração afropoética para a construção de expressões estéticas negrorreferenciadas, através de uma perspectiva descolonizada dos modos de pesquisa, modos de fazer e pensar as artes negras.

Atividades dos bolsistas

1. Acompanhar o processo de Formação Geral proposta pelo Coletivo AFRO(en)CENA, no campus Jorge Amado;
2. Discutir sobre as poéticas afrodiaspóricas e seus modos de construção, a partir das referências culturais, religiosas, sociais, históricas e artísticas do Sul da Bahia, através da montagem do experimento cênico “Quem tem medo da cara preta?”, e de 3 edições do evento “Azuela: poéticas negras em roda”;
3. Produzir conhecimentos teóricos sobre a metodologia da pesquisa do Coletivo, associando criticamente as práticas e modos artísticos às novas tendências deste campo;
4. Compreender o conceito de Afrocênica, partindo das experiências do sensível, integralizadas com os saberes tradicionais da região Sul da Bahia, bem como suas fricções com experiências estéticas de artistas da região;
5. Refletir sobre a estrutura filosófica do Candomblé Congo-Angola, como inspiração afropoética para a criação da Afrocênica;
6. Refletir criticamente sobre o processo criativo produzindo um artigo como síntese da investigação na pesquisa.

Atividades semanais e carga horária

a) O/A bolsista deve acompanhar os encontros semanais do Coletivo AFRO(en)CENA, às terças-feiras, das 19 as 22h (3h). Fazer diário de bordo de todos os encontros, refletindo

criticamente sobre os conhecimentos experienciados nas práticas; b) Monitorar os eventos produzidos pelo coletivo, a exemplo da "Azuela: poéticas negras em roda"; c) Desenvolver leitura, discussão e produção textual a partir do referencial teórico do projeto, alinhado aos interesses de estudo do/a bolsista;

Introdução

O Coletivo AFRO(en)CENA é um espaço de aquilombamento, [re]descoberta de ancestralidades negras sucumbidas pelo colonialismo que atravessa gerações. Ele surge a partir da oferta de um curso de extensão universitária em 2018, no campus Jorge Amado, Itabuna-Ba, como parte da minha pesquisa de doutoramento em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com tese intitulada *Pedagogia da Circularidade Afrocênica: diretrizes metodológicas inspiradas nas ensinagens da tradição do Candomblé Congo-Angola*. Nossa forma de resistência se deu através da criação de um experimento cênico intitulado "Travessias... ciclos transatlânticos", como síntese da experimentação da relação do Candomblé Congo-Angola e seu potente arsenal epistemológico e poético na cena negra contemporânea, além da filosofia e cosmovisão dos povos Bantu e a perspectiva afrodiaspórica de conceber a expressão das artes de modo integrado, fazendo jus à transdisciplinaridade. O Coletivo é um instante espaço-temporal de investigação da viabilidade deste lugar da Arte transdisciplinar, considerando os saberes tradicionais, segundo as premissas da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), na cena contemporânea. Esta experimentação artístico-pedagógica está calcada na metodologia de Ensino intitulada *Pedagogia da Circularidade Afrocênica*. A Afrocênica, conceito cunhado na tese, é entendido como uma Poética de cena afrodiaspórica, que cumpre a dupla função de referencial cênico/epistemológico e percurso formativo. Para além de uma formação artística, a atuação do Coletivo ajuda a fortalecer a identidade dos/as estudantes negros/as da UFSB, possibilitando a representatividade de expressões cênicas que exaltem a cultura africana e afro-brasileira. Para isto, o/a estudante participa de uma Formação Geral (FG), com ateliês de investigação de diversos âmbitos, a fim de contribuir com a formação negrorreferenciada do/da estudante, potencializando sua expressão na cena. Neste sentido, nossa primeira FG contou com aulas de Capoeira, maculelê, dança afro, dança afro-contemporânea, História do Teatro Negro no Brasil, Jogos do Teatro do Oprimido, literaturas africanas, contação de histórias e musicalidades/cantos inspirados nos povos africanos. O Coletivo permanece aberto a qualquer estudante da UFSB e comunidades adjacentes que desejem agregar ao projeto, não tendo a obrigatoriedade de estar na cena ou atendendo a pré-requisitos de grande experiência artística. Colaborações poderiam vir no sentido de pesquisas filosóficas, culturais, sociais, históricas, geográficas, biológicas, dentre outras, abraçando qualquer campo do saber. A pluralidade de referências ou habilidades tornaria o coletivo potente em suas expressões de atuação. Considerando o ser humano em toda e qualquer etapa da vida, sobretudo no processo pedagógico, salientamos que este Coletivo não compreende a superespecialização do saber. Acreditamos que as relações cognitivas se estabelecem através do conceito de complexidade abordado por Edgar Morin (2007). Neste sentido, estão imbrincados os

aspectos cognitivos, espirituais, sociais, políticos, afetivos, econômicos e sociais, convidando o/a estudante a pensar o mundo e as expressões da cena por uma perspectiva afrocentrada. O Coletivo AFRO(en)CENA apresentou seu primeiro experimento cênico “Travessias... ciclos transatlânticos”: no campus Jorge Amado (2018); na Tenda do Teatro popular de Ilhéus (2018); no III Fórum Negro de Arte e Cultura (UFBA), integrando a programação de espetáculos no Teatro Martim Gonçalves (2019); na Semana de Acolhimento do campus Jorge Amado (2019) e no Centro de Cultura de Porto Seguro através do edital Lugar de Cultura UFSB (2019). A FG era insuficiente para discutir todos os temas que estavam reservados nesta empreitada de pensar uma formação negrorreferenciada para os/as atuantes do Coletivo AFRO(en)CENA, no âmbito universitário. Com isto, mais uma ação decorria deste Grupo de Pesquisa e Extensão Universitária: “Azuela – poéticas negras em roda”. Era necessário extrapolar o lugar da sala de ensaio para se pensar também, através de um discurso politizado, em outras questões concernentes às Poéticas Negras. Mais do que isto, a azuela surge como possibilidade de amplificação destes discursos acerca das problemáticas do racismo em todos os seus níveis, e das poéticas negras. A palavra é nossa grande potência de resistência. Através da apalavra e da sabedoria que baila no equilíbrio entre falar e silenciar, carregamos num balaio cheio de frestas a nossa ancestralidade, que é a filosofia fundante do povo preto, pelo que era soprado das bocas de homens e mulheres negras aqui no Brasil. O termo “Azuela” vem de Kuzuela, verbo derivado do tronco Ovibundu (etnia Bantu), disseminado em território Kimbundu. Segundo dicionário Bantu de Nei Lopes (2003), a palavra azuela, nos terreiros de origem Bantu, seria uma ordem para bater palmas e animar a festa. Zuela: falar! Dar voz. Possibilitar o protagonismo, se fazer falar. Com isto, o Coletivo AFRO(en)CENA visa oportunizar o diálogo com a comunidade acadêmica, artistas, comunidades tradicionais, agitadores culturais, instituições de fomento às artes em Itabuna e região. No ano de 2018 foram realizadas quatro edições do evento, sendo três no campus Jorge Amado e uma edição especial no campus Paulo Freire; ações importantes para a ventilação de novas epistemologias acerca das Poéticas Negras. Em 2019 realizamos uma Azuela na Casa de Cultura Abayomi, como parte das atividades propostas no Edital Lugar de Cultura UFSB. Nossa proposta para o ano de 2020 intenta a montagem de um novo experimento cênico, com título provisório “Quem tem medo da cara preta?”, investigando a cena circular inspirada na estrutura filosófica do Candomblé Congo-Angola e as fricções de abordagens emergentes no âmbito da luta antirracista no Brasil na diáspora. Além disto, ofertaremos uma nova Formação Geral (FG), com abertura para novos integrantes e a remontagem do experimento cênico “Travessias... ciclos transatlânticos”, com a reconfiguração do grupo. Por fim, prevemos a realização de mais 3 edições das Azuelas: poéticas Negras em roda, com temas acordados com o Coletivo, em parceria com o Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID) Humanidades “Descolonizando Saberes”, coordenado pela Profa. Dra. Fabiana Lima.

Justificativa

A escolarização ocidental tentou implantar o *modus operandi* de aprender pela via única e exclusiva do intelecto em desconexão total com o seu corpo. O que se propõe aqui é que o corpo seja a principal via de conexão com o conhecimento e por ele se deixe

atravessar em conexão com o mundo, estabelecendo, assim, uma personalização do que se aprende, a partir das próprias referências e de como o corpo do outro dialoga com o meu aprender. Como cada corpo possui sua própria história e repertório social, o que se aprende atravessa a singularidade dos corpos, tornando este processo único, ainda que o ambiente que dispara o processo seja o mesmo. O que podemos deduzir em termos de valores filosóficos das posturas corporais, acima descritos, é que envolvem princípios tais como: unidade na diversidade, firmeza junto com flexibilidade, integração das partes, do dentro e do fora, da verticalidade com a horizontalidade. Assim, é notório o caráter profundamente holístico dessa cosmovisão habilitada no corpo inteiramente perpassada pelo elo inquebrantável com o sagrado (espiritualidade nos movimentos) e com a ancestralidade (simbolizada pelo chão). Tudo isto se dá de forma atualizada e retroalimentada (saída da raiz para a projeção da energia para cima e retorno à raiz, descarregando a energia sugada), num movimento constante de renovação. Em consequência, todos esses conceitos podem ser resumidos pelo princípio da circularidade, pois a circularidade envolve a vivência de um continuum, algo que transversaliza as diversas dimensões desse Corpo-Dança Afroancestral. (PETIT, 2010, p.99) Petit não aparta o corpo do processo de ensino aprendizagem, e, mais do que isto, ela aponta o corpo com toda a sacralidade de sua existência como parte do mundo natural. O corpo é o elo entre a espiritualidade que habita os céus e a ancestralidade que está simbolizada no chão. Nosso corpo é a própria árvore que circula, mantendo em equilíbrio o movimento da natureza. Inclusive, Muniz Sodré (2017) nos diz que Outro modo de apresentar este tópico [a filosofia africana] é dizer que, quando a somatização do sagrado é maior que a própria expressão verbal dos mitos, tem-se outra lógica, propriamente corporal, com outro sistema de pensamento consequente (p.21). Há aprendizados que ultrapassam o código linguístico e só podem se dar pela via do corpo. Portanto, este não deve ser apartado dentro dos processos de ensino, como reitera Machado: Os símbolos, embora nos sejam familiares na vida diária, passam a ter importância do que é sagrado nas cerimônias rituais. Durante as cerimônias, portanto, o significado dos elementos mais simples vai além da imagem, além do que é evidente e convencional. [...] O candomblé, como se pode perceber, se caracterizava pela existência de inúmeros elementos simbólicos-sagrados que presentificam a transmissão e redistribuição de axé. Quando consagrados, acredita-se transcender à compreensão de sua estrutura física ou fenomenológica, adquirindo uma nova qualidade em força e poder. Daí é que estes elementos se constituem em representações simbólicas de conceitos, cuja definição, através da linguagem verbal, se torna quase sempre impossível (MACHADO, 2002, p.46). Inacyra Falcão dos Santos (2002) grava a importância da possibilidade de existência de métodos educacionais com raízes fincadas na brasilidade, e por ela e dela partem os princípios, os meios destes processos de educação que se ancoram no fazer artístico. A partir da abordagem etno-crono-ética elaborada pela antropóloga Juana E. Santos (1993), Inacyra Falcão Santos reatualiza a concepção do ensino da dança, cuja práxis deriva de aspectos étnicos, acumulados ao longo de muitas gerações, culminando em um grupo com seu sistema fundamental. Na reflexão sobre a dimensão temporal, essa abordagem busca as possibilidades éticas de cooperação e criação entre seres humanos. [...] trabalhar a realidade de um fenômeno de “dentro para fora”, como uma possibilidade de superar os obstáculos etnocêntricos, impertinentes na participação e na interação, neste caso, interação entre educador/educando, artista/comunidade (SANTOS, 2002, p.28). É indispensável que a

Pedagogia da Circularidade considere como partida para todo e qualquer disparador cognitivo o lugar de origem, o muntu, o ser integralizado com toda a sua história. Aquilo que é combatido por Vanda Machado, no que diz respeito ao sentimento de exclusão do processo escolar, se aplica inversamente proporcional quando consideramos a experiência do discente, sua história e ancestralidade. Neste sentido, a UFSB é uma universidade diferenciada no contexto das federais brasileiras, por trazer um percurso acadêmico descolonizado que considera o território onde está inserida como ponto de encontro das encruzilhadas acadêmicas. Amplia-se a importância de protagonizar o território, sendo de fundamental importância o reconhecimento dos mestres e mestras do saber tradicional que ritualizam os mitos ancestrais, sendo decisivos na formação transcultural do povo dali. A UFSB, como consta em seu plano orientador, concebe sua formação de dentro para fora, de quem o/a estudante é em sua totalidade, e como pode fazer novas pontes, a partir de um conhecimento personalizado para aquela realidade, mas que confere substrato para inserir a pessoa na perspectiva geral do país/mundo. O Baobá ainda continua a ser a imagem mais significativa como representação geral da relação holística e de comunhão total com a natureza em sua profundidade e essência. Isto se evidencia quando Petit traz a árvore como comunicação de valores filosóficos ancestrais que sustentam o solo dos negros e os projetam para outras perspectivas de vida. Circular, portanto, está diretamente relacionado à continuidade de um pensamento que não se esgota, mas se descarrega e recarrega naturalmente, não estando fechado para possibilidades outras; além de atravessar qualquer prática pedagógica no universo escolar, por exemplo, pela capacidade de ser transversal. Atravessa qualquer esfera social e conceitual, servindo não somente às artes, mas a compreensão do humano e sua função real na vida terrena. A Pedagogia da Circularidade Afrocênica se inspira na cultura Bantu e no cotidiano do Unzó ia Kisimbi ria Maza Nzambi. Os Bantu seguem a filosofia Ubuntu, ancorada na ideia de horizontalizações das relações sociais, políticas e culturais; acesso comum a todos, com isto a existência individual só é possível considerando a diversidade e existência do outro. Tudo está e é movimento. Nada é estável, nem fechado. As conexões gerais são possíveis, desde que horizontalize e permita o acesso de todos.

Objetivo Geral

Exercitar uma formação afrodiaspórica, multirreferencial, com vistas a se debruçar sobre a cena negra contemporânea, considerando o Candomblé Congo-Angola e a Cultura Bantu como inspiração afropoética para a construção de expressões estéticas negrorreferenciadas, através de uma perspectiva descolonizada dos modos de pesquisa, modos de fazer e pensar as artes negras.

Objetivos Específicos

1. Reiniciar o processo de Formação Geral proposta pelo Coletivo AFRO(en)CENA, no campus Jorge Amado, com a abertura para a integração de novos membros da comunidade e estudantes;
2. Discutir sobre as poéticas afrodiaspóricas e seus modos de

construção, a partir das referências culturais, religiosas, sociais, históricas e artísticas do Sul da Bahia, através da montagem do experimento cênico “Quem tem medo da cara preta?”, e de 3 edições do evento “Azuela: poéticas negras em roda”; 3. Produzir conhecimentos teóricos sobre a metodologia da pesquisa do Coletivo, associando criticamente as práticas e modos artísticos às novas tendências deste campo; 4. Compreender o conceito de Afrocênica, partindo das experiências do sensível, integralizadas com os saberes tradicionais da região Sul da Bahia, bem como suas fricções com experiências estéticas de artistas da região; 5. Refletir sobre a estrutura filosófica do Candomblé Congo-Angola, como inspiração afropoética para a criação da Afrocênica; 6. Ampliar e gerir as plataformas digitais nas redes sociais do Coletivo, a fim de divulgar as pesquisas, bem como refletir criticamente sobre o processo criativo e afetações na trilha acadêmica/artística/social/política dos estudantes envolvidos, em diálogo com as comunidades e mundo;

Metodologia

A ideia de pensar uma Pedagogia da Circularidade surge no intento de que esta sirva não somente às Artes da Cena. Mas, que seja um referencial para se pensar as práticas de ensino em qualquer nível, desde a educação infantil até o ensino superior. Educação esta que considera o indivíduo como produtor de conhecimento, ativando sua ancestralidade por vezes oprimida pela colonialidade, estimulando-o a integralizar o mundo em todas as suas esferas, costurando. Em síntese, a Pedagogia da Circularidade organiza diretrizes metodológicas refletindo acerca das ensinagens afrodiáspóricas, estas aqui entendidas como processos de ensino-aprendizagem que se inspiram no terreiro de candomblé ou em práticas outras tradicionais, como a capoeira, o Congado, o Samba de Roda, dentre outros, diferenciado das demais práticas oficiais da educação brasileira. ‘Ensinar’, parte do conceito levantado pela professora Vanda Machado (2017) de [em]sinar, colocar o indivíduo na sua sina, no seu caminho, no seu odu, no seu destino. Ao trazer a perspectiva da sina, esta não é construída através de um determinante engessado. O nosso destino é mutável, e deveria caber a nós a escolha dos caminhos a serem trilhados. Sabemos que para pessoas negras, muitas vezes, os caminhos são escolhidos sem nem mesmo haver consulta. A possibilidade de experimentar um universo de saberes amplificado, favorece a inserção do indivíduo no mundo, portanto há autonomia na construção de seu destino. Os caminhos de aprendizagem da Pedagogia da Circularidade, caminham através de uma cognição substanciada através de ciclos que se atravessam: de modo integral (não permitindo o particionamento), de modo circular (retroalimentando-se), de modo corporal (e neste reverberando), de modo ancestral (considerando valores imateriais), modo místico considerando a experiência viva. Este conjunto reunido estrutura filosoficamente os fundamentos de ensino colididos nesta pesquisa. Do ponto de vista prático do projeto, trabalharemos em três caminhos simultâneos, que circulam entre si: 1) montagem do experimento cênico “Quem tem medo da cara preta?”; 2) Formação Geral e nova montagem do experimento cênico “Travessias... ciclos transatlânticos”; 3) Realização do evento “Azuela: poéticas negras em roda”. Ambas as atividades têm previsão de acontecerem entre o quadrimestre 2020. 1 e 2020.2 Não dispomos de financiamento em nenhuma instância. Aguardamos os editais Lugar de Cultura, que vem auxiliando o Coletivo nos gastos mínimos com o experimento cênico. O projeto necessita de uma sala

de ensaios, com a infra estrutura de som, já disponível na universidade. Para além disto, nesta nova empreitada, estamos organizando a confecção de bolsas tipo ecobag com frases do experimento cênico “Travessias... ciclos transatlânticos”, com a marca do coletivo e mensagens de valorização da cultura negra de forma geral. Toda a renda será revertida para auxiliar o processo de montagem do Coletivo, custeando parcialmente nossas despesas.

Resultados esperados

Acreditando na concepção anisiana da Universidade enquanto espaço de promoção de uma educação democrática, a principal estratégia para a sensibilização e mobilização dos discentes do Coletivo para o envolvimento nas ações em nível de ensino, pesquisa e extensão se dará através da horizontalidade das relações, através do conceito da Pedagogia da Circularidade. A imagem do círculo vem através da inspiração da roda de capoeira, dança trazida nos porões dos navios negreiros através dos nossos ancestrais negros. Na roda de capoeira todos podem se ver, todos estão com os pés conectados ao chão. Ainda que a hierarquia se estabeleça com a condução do Mestre, não há barreiras entre os partícipes da dança. Horizontalizam-se as relações, aprende-se com o gingar e habilidade particular de cada um, não há vencedores ou perdedores, porque não há de fato uma competição. Há partilhamento de habilidades, seja nos músicos, seja nos observadores que batem palma e respondem em coro. Esta imagem do círculo é libertadora e necessária, no sentido de promover a cooperação entre os membros do grupo, permitir a autonomia fomentada por Freire, através da qual o discente se sente representado na coletividade, fortalecido, livre para se expressar, pensando sempre no casamento da sabedoria tradicional imbricada na científica. O círculo tem caráter humanístico e de ética universalista, como prevê Freire. Quando estou na roda e não vejo quem está atrás de mim, por exemplo, tenho os olhos do meu semelhante que visualiza o que está atrás de mim. Eu vejo pelos olhos do outro e o outro assim também vê pelos meus olhos. Neste caso, o pacto ético universal é o primeiro passo para a construção de todo e qualquer processo cognitivo através desta perspectiva da circularidade. Espera-se, ao fim do trabalho, que os envolvidos repensem os seus valores éticos, estéticos, de cooperação, democracia e multirreferencialidade para a construção de ideias nas quais a colaboração de cada indivíduo com sua particularidade e habilidade fortaleça o Coletivo. Além de potencializar a formação artística do Coletivo com a premissa de aprender fazendo, experimentando, em diálogo com as experiências anteriores ao processo.

Referências

ADUKU, Armstrong Idachaba. Elements of Traditional African Drama in contemporary Nigerian Video – Film. ResearchGate, march, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/323936121_ELEMENTS_OF_TRADITIONAL_AFRICAN_DRAMA_IN_CONTEMPORARY_NIGERIAN_VIDEO-FILM> acesso em: 18/10/2018. BÂ, Amadou Hampâté. A Tradição Viva. IN: ZERBO, J-KI: História Geral da África. São Paulo: Ática, 1982. _____. Amkoullel, o menino fula. São Paulo: Pallas Athenas: Casa das Áfricas, 2003. BARBER, Karin. Popular Arts in Africa in African Studies. Review, vol. 30, nº 3, 1987. _____. Text and Performance in Africa.

Oral Tradition, 20 (2):. Barnett: Ursula, 1983 (p. 264–277). BARBOSA, Fernanda Júlia. Ancestralidade em Cena: candomblé e teatro na formação de uma encenadora. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro. Salvador, 2016. BENISTE, José. Mitos Yorubás: o outro lado do conhecimento – 4ª. ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. in Revista Brasileira da Educação. N°19, Jan/Fev/Mar/Abr, P. 20-28. Rio de Janeiro: ANPED, 2002. CUNHA JUNIOR, Henrique. Ntu. In: Revista Espaço Acadêmico, V 09, N°108, p.81-92 – Maio, 2010. ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo: Perspectiva, 1972. FERREIRA, Tássio. Afrocênica: poéticas de cenas pretas in Revista da ABPN, v. 11, n. 27, nov 2018 – fev 2019, p.86-112. Disponível em: < <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/666>>, acesso em: 07/02/2019. _____. Pedagogia da Circularidade Afrocênica: diretrizes metodológicas inspiradas nas ensinagens da tradição do Candomblé Congo-Angola / Tássio Ferreira. Tese (Doutorado - Doutorado em Artes Cênicas) - Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas. Salvador, 2019. FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: o nascimento da prisão. 42ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014. HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2009. LIMA, Evani Tavares. Teatro Negro, existência por resistência: problemáticas de um teatro brasileiro. Repertório: Teatro & Dança. Universidade Federal da Bahia. Escola de Teatro, Escola de Dança, Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas – Ano 17, nº17, Salvador: UFBA/PPGAC, 2011 (p.82-88). LOPES, Nei. Novo dicionário Banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss. Rio de Janeiro: Pallas, 2003. MACHADO, Vanda. Ilê Axé: vivências e invenção pedagógica – as crianças do Opô Afonjá. 2ª. ed – Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2002. _____. Pele da Cor da Noite. 2ªed – Salvador: EDUFBA, 2017. MARTINS, Leda Maria. A Cena em Sombras. São Paulo: Perspectiva, 1995. _____. Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário do Jatobá. São Paulo: Editora Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997. _____. Performance do tempo espiralar. In: RAVETTI, G. e ARBEX, M. (orgs.). Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: FALÉ-Faculdade de Letras da UFMG, 2002. MORIN, Edgar. Educação e Complexidade: os setes saberes e outros ensaios. Maria Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho (orgs.). 4ª edição – São Paulo: Cortez, 2007. NASCIMENTO, Abdias. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. Estudos Avançados. vol.18, nº.50. São Paulo Jan./Apr. 2004, p. 16. SODRÉ, Muniz. Pensar Nagô. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2007. PETIT, Sandra Haydée. Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral contribuições do legado africano para a implementação da Lei 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015. ROSA, Allan da. Pedagogia, autonomia e mocambagem. 1ª edição. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013. RUFINO, Luiz. Performances afro-diaspóricas e decolonialidade: o saber corporal a partir de exu e suas encruzilhadas. In Revista Antropolítica, n.40, Niterói, p.54-80, 1.sem, 2016. SANTOS, Inacyra Falcão dos. Corpo e Ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação. Salvador: EDUFBA, 2002. SOUZA, Florentina e NAZARÉ, Maria (org). Literatura Afro-Brasileira. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.